

## dois escritos da imprensa anarquista em são paulo<sup>1</sup>

florentino de carvalho

Os escritos de Primitivo Raymundo Soares (1883-1947), impressos com o pseudônimo de Florentino de Carvalho, no jornal anarquista *Germinall* fundado por ele e Rodolpho Felipe, em 1913, registram a força e a coragem dos libertários que atuavam nos meios operários no início do século XX no Brasil. Seu autor — que se desligou da Força Pública do estado de São Paulo para tornar-se um combativo agitador anarquista, em 1901, após ler *A Conquista do Pão* de Piotr Kropotkin — viveu como professor e escritor, editando os jornais libertários *A Plebe* e *O Libertário* e a revista *A Obra*. É autor de *Da escravidão à liberdade* (Porto Alegre, Editora Renascença, 1927) e *A guerra civil de 1932 em São Paulo* (São Paulo, Editora Ariel, 1932). Esteve envolvido ativamente com as greves, comissões e congressos que convulsionaram o meio operário; como divulgador das idéias racionalistas de Francesc Ferrer i Guàrdia no Brasil, atuou nas Escolas Modernas 1 e 2 de Adelino de Pinho e João Penteado. Passou por prisões e uma tentativa de deportação, das quais fugiu com o apoio de amigos. Editar, quase cem anos depois, esses escritos é uma maneira de colocar novamente o problema é preciso escandalizar!, para uma época moderada em que a palavra escândalo está esvaziada da atitude desafiadora impressa nas páginas de *Germinall*. Leia mais em Rogério H. Z. Nascimento. *Florentino de Carvalho. Pensamento social de um anarquista*. Rio de Janeiro, Achiamê, 2000 (N. E.)

verve, 15: 222-228, 2009

222

## é preciso escandalizar

Todas as seitas, sociedades ou partidos, todos os homens, classes ou coletividades que não tiveram o atrevimento de escandalizar o mundo com as suas idéias, os seus métodos e os seus atos, feneceram sem que os seus ideais tivessem chegado a ocupar o seu posto de predomínio, mais ou menos duradouro, no curso das idades.

Quando dizemos escândalo queremos precisamente exprimir admiração ou espanto que causam os princípios ou práticas hostis ao ambiente estabelecido.

Se os cristãos não tivessem escandalizado o mundo com as loucuras do Nazareno — seu símbolo — com o terror da Providência, com a infinita bondade, justiça e sabedoria do Pai Eterno, com as indescritíveis delícias dos céus e os espantosos martírios do limbo, do purgatório e do inferno, ninguém lhes teria feito caso, como assim mesmo não o teria feito se não tivessem impressionado os povos com a sua audácia, abnegação e heroísmo, e se os seus mais dedicados defensores não se tivessem, como o “seu chefe”, coroado com a auréola do martírio.

As concepções e a audácia de Sócrates, e a cicuta que foi obrigado a beber, revolucionaram a mentalidade humana da sua época.

Galileu destruiu rapidamente o sofisma da teoria da imobilidade da terra com a famosa frase: “*eppur si muove!*”<sup>2</sup>

Se o luteranismo e o calvinismo produziram a reforma e facilitaram o surgimento do positivismo, foi porque escandalizaram o mundo cristão, levando a dúvida aos cérebros, submetendo a Bíblia ao escalpelo da crítica.

Por sua vez o positivismo triunfou espantando todos os crentes com a sua filosofia e as suas arrojadas concepções eminentemente materialistas.

O atrevimento de homens como Babeuf, Hebert e Octavio Mirabeau, e a valentia de um povo heróico proclamaram a *liberdade, igualdade e fraternidade*.

Pensemos um momento sobre a audácia dos trabalhadores de Paris que, apesar de estarem as energias populares esgotadas pela guerra franco-prussiana, tiveram a coragem de implantar a Comuna [1871] numa época em que apenas despontavam as idéias socialistas e anarquistas; pensemos no seu sacrifício realizado na semana trágica contra as tropas de Thiers, e teremos uma idéia da razão da universalização rápida dos novos princípios de regeneração social.

As forças de Chicago descrevem sobre as gerações novas a famosa frase de Spies: “Saúde oh! Tempos em que o nosso silêncio será mais poderoso do que as nossas vozes hoje sufocadas com a morte!”

Quem não foi tomado de assombro pela temerária revolta dos heróicos marujos do couraçado russo Kinazpotkine? Que de estímulos não criou o arrojo desses valentes?

Hoje, todas as bocas limpas repetem a memorável exclamação de Ferrer — *Viva la Escuela Moderna!*

As transformações sociais, políticas, econômicas, morais e filosóficas, as revoluções, as ascensões dos plebeus, dos escravos, produzem-se pelo escândalo.

O mundo marcha à força de escândalos, e a humanidade só concebe uma idéia ou um ato depois de ter se escandalizado, depois de ter sido a sua atenção atraída para estas idéias e atos com a admiração e a impressão.

Quando se propaga, seja o que for, com reticências, com desvios ou roupagens, mais ou menos enigmáticas, quando se emprega uma fraseologia escolhida para não

Dois escritos da imprensa anarquista em São Paulo

assustar ou para não escandalizar, o auditório ouve as filípicas como quem ouve chover.

E nós, se não queremos gastar a cachola nem os pulmões inutilmente, temos que propagar as nossas idéias sem prudência alguma, sem palavras com sentido figurado.

É preciso ter a sinceridade do camponês: pão é pão e vinho é vinho.

Tratemos, por todos os meios, de escandalizar a todo o mundo, em todo o momento e lugar.

Gritemos bem alto, com toda a força, os nossos princípios, as nossas doutrinas; e se alguém fugir de nós devemos correr atrás dele até alcançá-lo, e continuar a gritar, certos de que não perderemos o tempo, porque, quem foge é porque fez caso das nossas arengas e foi impressionado por elas. Os irredentos, os que não podem assimilar os nossos sentimentos, ficam muito tranquilos, porque não compreendem patavina, ou estão pensando em coisas que não tem nada com o que nos esforçamos em fazer-lhe sentir.

Escandalizemos a todo transe.

Quando tivermos escandalizado o mundo ele será nosso.

Quando o Anarquismo for espalhado por toda a terra a Anarquia terá triunfado.

Lisboa, 1913.

## a imprensa anarquista

Inimigos de todas as leis, de todos os regulamentos, de todos os programas; mente aberta a todas as idéias ou pensamentos elevados, irradiados pela luz do livre exame, não podemos circunscrever-nos a uma estrita concepção

encerrada nos moldes de determinada escola filosófica ou sociológica.

Podemos, sim, ter mais simpatia por esta ou aquela tendência, este ou aquele método de luta, mas, tratando-se de investigação e de propaganda, é um disparate seguir o método unilateral. Todos os meios que não estiverem em conflito com os nossos princípios devem ser empregados na luta pela nossa causa.

Entre estes meios alguns há que, à primeira vista parecem contrários ao Ideal.

A revolução armada, o atentado, o incêndio, a sabotagem, a greve, a manifestação pública, a organização operária, são meios mais ou menos violentos, antepostos à nossa idéia de paz e de harmonia.

Muitas revoluções e todos os atentados tiveram por fim reprimir monstruosidades praticadas pelo Estado e pelo capitalismo, quando não puderam ir mais longe. O movimento de julho de 1909, em Catalunha foi pelos socialistas, sindicalistas e anarquistas, posto nas mãos dos republicanos, para evitar-se a reação governamental. Os camaradas de Portugal foram os que mais se distinguiram na revolução que proclamou a República, para livrarem de serem os primeiros a pagarem o crime de alteração da ordem monárquica. Os atentados que justificaram Umberto, Carnot, Carlos, Falcão e tantos outros, foram as consequências de massacres, de torturas e outras medidas do terrorismo do Estado, ou da excessiva extorsão capitalista — como os *trustes* nos Estados Unidos — que agravaram profundamente a situação do povo. Em resumo: tiveram por fim conquistar a maior liberdade e bem estar das classes oprimidas e impulsionar o avanço do Ideal.

A relativa liberdade que hoje gozamos deve-se a essas revoluções, a esses atentados. A sabotagem, e as greves parciais ou gerais, são também fatores que refreiam o galope burguês, disputando, para o operariado, as melhores condições possíveis de existência, tanto política como economicamente.

Dois escritos da imprensa anarquista em São Paulo

Para promover as greves e as revoluções, melhor seria que, em vez das sociedades de classe, se constituíssem numerosos grupos de ação e de propaganda em cada classe; mas, para isso não existe a suficiente preparação revolucionária entre o operariado. E a organização de sociedades operárias produz-se fatalmente, determinada pelo próprio sistema capitalista. O que se torna necessário, portanto, é orientar as sociedades de forma que preparem os trabalhadores para a formação desses grupos, que são o esboço da sociedade futura.

A manifestação pública, que para muitos representa um ajuntamento de barulhentos, é antes do que o livro, o panfleto e o jornal, o melhor meio de transformação da opinião pública, porque traz ao mesmo tempo a divulgação da idéia e a afirmação prática, embora relativa, do sentimento que a torna vivaz e respeitável. E nestas manifestações surgem, com frequência, grandes movimentos de revolta, que fazem tremer os dirigentes do regime burguês.

A liberdade e o bem estar, na sociedade presente, enervam as energias, e as pequenas transformações são reformas fictícias que dão mais longa vida à classe que impera; mas também é certo que o excesso de miséria e de despotismo inutiliza os indivíduos completamente, preparando-os somente para a bestialidade ou para a morte.

Como os nossos princípios não preconizam *a não resistência ao mal pela violência*, somos consequentes com eles, mesmo empregando meios violentos.

Voltando à questão da organização operária, direi que se nós não a inspirarmos nas nossas tendências, ela tomará outro rumo, constituindo-se no mais poderoso obstáculo às nossas aspirações, como acontece na Alemanha, na Bélgica e outros países.

Se popularizarmos o nosso ideal e não o praticarmos destruindo moral e materialmente a sociedade presente, ele será sempre uma bela utopia.

Todos esses meios estão concordes com o fim que se persegue, e, em vez de seguirmos exclusivamente a escola de Stirner, Proudhon, de Kropotkin, etc., temos que propagar, com as reservas da própria opinião, as diversas escolas, propagando e afirmando a Anarquia, abreviando a hora da Revolução.

Esta é a orientação que, entendo, deve seguir a imprensa que, sem outros adjetivos, se intitule anarquista.

## Notas

<sup>1</sup> Textos selecionados por Acácio Augusto, e extraídos respectivamente de *Germinal*, São Paulo, Editorial, 29/06/1913; *Germinal*, São Paulo, n° 15, 29/06/1913.

<sup>2</sup> “Mas ela se move!” (N. E.)

## RESUMO

*Dois textos do anarquista Florentino de Carvalho. O primeiro aborda a relevância do escândalo nas atividades subversivas e anarquistas, o outro trata da insignificância de se eleger uma tendência anarquista enquanto verdadeira, na imprensa revolucionária.*

*Palavras-chave: Florentino de Carvalho, jornal Germinal, lutas anarquistas.*

## ABSTRACT

*Two texts of the anarchist Florentino de Carvalho. The first one treats the relevance of the scandal in anarchist and subversive activities. The other points the unimportance of electing an anarchist tendency as the true one in the revolutionary press.*

*Keywords: Florentino de Carvalho, Germinal newspaper, anarchists fights.*

*Indicado para publicação em 9 de junho de 2008.*